

IDEAL

ORGAN LITTERARIO



ANNO I

Florianopolis, 14 de Agosto de 1906.

NUM. 14

O IDEAL
LITTERARIO SEMANAL

Assignaturas

CAPITAL	
Trimestre	2\$000
INTERIOR E ESTADOS	
Trimestre	3\$000
PAGAS ADIANTADAMENTE	

REDACÇÃO

Rua 16 de Abril n. 20

Redactor—*Clementino Britto.*
Secretario—*Godofredo Oliveira.*
Thezoureiro—*Irineu Livramento*

Os originaes devem ser entregues até ter-
ça-feira de cada semana.

A redacção não se responsabilisa pelas
opiniões emittidas pelos seus collaboradores.

SUPPLICA

A' ***

« Uma só cousa póde dar-me vida
Talvez o amor... o amor é que eu preciso! »

GUERRA JUNQUEIRO

Excelsa padroeira de meus sonhos!
Descei até mim os vossos divinos
olhos; fixai-os bem; magnificar-me si
tanto fôr possível; ungi-me com esse
filtro amoroso que são—as chammas de
vossos olhos—e serei feliz!

Bafejai-me com o vosso halito im-
pregnado de docuras, envolvi-me com
o aroma que lhe é peculiar e me li-
brarei nas azas da phantasia—serei
ditoso!

Sois um anjo e eu um simples ato-
mo da humanidade.

Entre mim e vós existe uma esta-
cada. Quebrai-a e dai a mão ao pere-
grino que anda em busca de amor!

Amor! E's a suprema aspiração, o
ideal supremo das almas bem forma-
das!

Sem ti, o altruismo não teria vindo
ao mundo!

Sem ti, jámais encarariamos exta-
siados o Belto!

Sem ti, a sociedade seria uma estu-
fa irrespiravel!

Guiai-me, pois, oh! celica visão,
como sóe fazer-se a um cego e si
achardes que meu coração não está
preparado para receber tão alto dote,
por ainda aninharem-se n'elle senti-
mentos que o inibam d'isto—segai-os
e num assomo de bondade fazei com
que o clarão do vosso amor incuza no
meu coração o mesmo sentimento.

Concedendo tudo isto; prestando tão

alevantados serviços sereis a unica
proprietaria do coração simples e des-
pido de vaidades do humilde

XISTO XIMNES

AMOR DE MÃE

Como é puro e santo o nome de
mãe!

Como encerra mil segredos, mil
gozos e mil alegrias!

Qual será a filha que não sente o
coração jubiloso, quando lhe assoma
aos labios este nome doce e imma-
culado de mãe!

Inditosa da filha que não pode
pronunciar esse nome sagrado e bem-
dicto.

Foi o primeiro que pronunciou
nossos labios...e deve ser impiedosa
e amaldiçoada perante Deus aquella
que não sabe interpretar este nome
puro como o nome de Maria Virgem.

Oh! o amor de mãe é o balsamo
divino que cicatriza as chagas do co-
ração de uma filha.

Quando, no leito da morte, quasi
a exhalar o ultimo suspiro, deve-se
ter no coração a imagem do nosso
primeiro affecto e da companheira
solicita dos nossos primeiros passos.

Como deve ser cruel para a pobre
mãe apertar em seus braços, o filho
amado em signal de despedida, por-
que têm de seguir para o campo de
batalha. Ella sabe que seu filho vai
defender a patria querida, mas não
sabe si tornará a vel-o, a elle, o
idolo do seu coração, o affecto de sua
alma, que ao seu lado compartilha-
va as suas dores e enxugava as suas
lagrimas!

Oh! como é bello o sorriso de mãe
para a filha amada! E' como a rosa
que dosabrocha e exhala o seu ineb-
riante odor...

MARILIA DE DIRCEU

EM SEGREDO!

A' M. C.

Guardo em segredo em meu co-
ração apaixonado o nome bello de
minha bella, sem poder pronuncial-o;
sim guardo-o como preciosa reliquia
de inestimavel valor...

Que importa que não possa profe-
rir seu nome, se meu coração o co-
nhece, se elle sabe o quanto é bello,
se elle o tem junto a si; amando-o
e aquecendo-o sempre com o fogo
forte, o fogo ardente de sua paixão?
E as vezes, quando estou só, dizen-
do baixinho seu lindo nome recordo-
me de sua infancia, lembro-me de
nossa mocidade de encantos, vejo-a
chorando junto a mim, repartindo
commigo as suas magoas, as suas
dores; vejo-a rindo, brincando, col-
lhendo as flores de seu jardim galan-
te e repartindo commigo o seu pra-
zer, a sua alegria!

Então choro os dias passados, cho-
ro a nossa infancia,...choro o nosso
pezar.

Como é bello o amor, como é bel-
la a infancia!

A' manhã era bella e as estrellas
despediam-se nas alturas, dando
seus ultimos brilhos; e eu, recostado
sobre o banco de relva de teu jardim,
pensando em ti só, unicamente,
adormeci, depois de tel-o invocado
ao supremo Deus; e ali, perto das
flores que pizas, ali, junto as nossas
fieis companheiras de infancia, son-
hei que te fallava, que te tinha em
meus braços, que me juravas eterno
amor; e n'aquelle doce enlevo, n'a-
quelle profundo extase pude então
fallar-te: levei-te Rainha de meu co-
ração e tú beijando-me a face palli-
da, deste-me como recuerdo uma
violeta, uma pequenina violeta, sym-
bolo da infancia, simbolo da inno-
cencia, disseste; tiraste de teu mi-
moso dedo a pequenina alliança e
deste-m'a, tambem. Depois, bem re-
cordo, depois, disseste me que não
podias crer em minha amisade, no
meu amor e recordaste a nossa cruel
separação, victima da intriga, da
cruel intriga, jurei então com amor
leal, um santo amor em troca de tua
amisade. E em despedida deste-me
a beijar teu braço, braço de virgem
pura, de virgem dona do meu cora-
ção...

O sino da pequenina igreja, que lá, no alto da montanha, ostenta a «virgem santa» veio acordar-me d'aquelle sonho de amor, que, ainda hoje querida, sem poder pronunciar teu nome julgo-o real, e choro as vezes, quando dizem ser illusão.

Permitta que te chame **INCÓGNITA**, e dai-me bella, dai-me senhora o teu olhar para de virgem pura, recordando a nossa infancia, o nosso passado bello; dai-me, dai-me teu olhar!

Agosto—9—1906.

RECORDAÇÕES

A' MINHAS IRMÃS A. E S.

Das bellas tardes me lembra,
De minha infancia saudosa;
De minha mãe amorosa,
Dos amiguinhos que eu tinha;
Com elles nos meus brinquedos,
Pelas campinas corria
E quando a tarde morria
Para o lar vinha a noitinha.

Nessa quadra tão ditosa,
Não pensava no porvir:
Passava os dias a rir
Nos meus folguedos sem fim
E minha mãe tão querida,
Sem a mim nada dizer
Me beijava com prazer,
Por me ver brincando assim!

Chegava a noite, eu dormia
Embalado por seu canto;
E sem conhecer o pranto
Souhava sempre a sorrir...
De manhã me levantava;
E a benção deste dia
A' mamãe, contente, eu ia,
Em bella canção pedir!

E minha mãe, respondendo,
A minha face beijava
(Os beijos qu'eu mais amava
Por serem todos sagrados)
E, logo após eu corria
Pensando em meus brinquedos
Eu me atirava aos folguedos
D'aquelle tempo adorado!

E assim pois é que eu passei
A meninice saudosa,
Essa quadra tão ditosa
E tão cheia de saudades!...
E meu passado está longe
O meu presente que importa?
Vem o tempo abrindo a porta
Do porvir da humanidade.

Hoje a vida é mais penosa,
Não existem mais encantos...
O mundo nadando em prantos
Foi confiado a vil sorte...
E eu, que tive um passado
De vida e prazer sem fim,
A padecer, tanto, assim,
Prefiro, meu Deus, a morte!

(Inedito)

Porto-Alegre,—Julho—1906.

G.

SILHUETA

I

SENHORITA M. J. F.

Elegante, bem elegante é a senhorita cuja silhueta pretendemos esboçar.

Seu rosto oval de um moreno gracioso, tão gracioso como o moreno do rosto de MARIA Nazareth, é um encanto de magia a rescender perfumes de mocidade.

Corpo «mignon» maravilhosamente delicado, andar elegante e possuindo uns olhos castanhos de uma belleza peregrina a expedirem raios inebriantes de luz purissima.

Cabellos da cor dos olhos, finos e sedosos usando-os invariavelmente em trança, trança que cae n'uma magnificencia admiravel sobre as espaldas.

Boca pequenina, perfumosa e bem feita deixando antever quando sorri, como um botão de rosa que desabrocha, duas linhas de alvos e delicados dentes.

Filha do continente, porém não da legendaria JULIANA, mas sim da pacifica S. José, possui um coração FRANCO e cheio de amor.

E' diplomada pela Escola Normal onde brillantemente cursou e exerce com proficiencia e dedicação o magisterio particular.

A vaidade não lhe é conhecida.

Se, ainda, não foi reconhecida, vos diremos amaveis leitores, que faz parte da directoria de uma sympathica sociedade femiñil, collabora n' O IDEAL e gosta muito da secção charadistica.

Ainda é amada escolhendo para seu eleito um collega que faz parte cá da casa.

E' finalmente uma senhorita gentil, delicada e da nossa «elite».

Lux

PERFIL

I

C. F. B. DE B.

Esguio, qual cypreste a beira de um tumulo, lá segue elle ás horas monotonas da noite em direcção a Figueira, seu bairro predilecto. Sympathico, intelligente e amavel: eis os dotes principaes de seu character nobre. Usa invariavelmente «frack» e após á «aula» que tanto o preoccupa, pois, é um dos membros do

magisterio mais energicos e cumpridor recto de seus deveres, e encontrado em palestra intima com seus amigos no «café da Praça» discutindo com admiravel facilidade as questões do dia. Não se lhe toque porém, no operariado pois o homemsinho energico como é, está sempre em «defeza dos opprimidos» e então veremos todas as «bandalheiras» descobertas acompanhadas de comentarios: E' necessario um partido de operarios, acha-se «opprimido» etc, etc.

E' diplomado; foi reporter de uma certa folha do «dia» e alli mais uma vez provou o seu amor ao trabalho e grande vocação pela imprensa, não sei se por isso foi escolhido para dirigir um «hebdomadario», que ainda o faz, cumprindo assim o seu «ideal».

Claro, de um claro ruivo, dentes alvos, alto, fransino e cabeça erguida. E' um bom filho, optimo amigo e correcto collega do God'OLIVA e MARIO SYLVESTRE. Ama e é amado; pretende em breve realizar seus sonhos, por isso o joven professor escolheu para sua eleita uma collega!

E' orador de duas sociedades: uma dansante que temos cá na «America» e outra beneficente. Conheci-o escrevendo n'um jornal que aqui se publicou, com o pseudonymo de Brazilino Junior e actualmente chamam-lhe Cle...to Barreto.

Fux

DR. AFFONSO PENNA

A CHEGADA

Às 5 horas da tarde de 9 do corrente ancorava na bahia sul da nossa encantadora capital o garboso vapor da Lloyd, o «Maranhão» seguido da esquadilha que tinha ido ao seu encontro á barra do norte.

Depois da visita da saúde do Porto, o exmo. sr. Conselheiro Affonso Penna baixou á terra, na Lancha Lauro Müller, onde vinha a Comissão Central.

S. Ex. recebeu no trapiche as continencias de uma companhia do Corpo de Segurança, passando por entre alas das associações e escolas publicas e particulares que com seus estandartes estavam postadas ao lado da Superintendencia.

S. Ex. ao enfrentar o Palacete Municipal, assomou a uma das sacadas o nosso talentoso conterraneo sr.

H. D.

desembargador Dr. Genuino Vidal que pronunciou vibrante, entusiastico e patriótico discurso sendo as suas palavras cobertas por uma estrepitosa salva de palmas.

S. Ex. hospedou-se no Palacio do Governo e de onde assistio o desfilar do prestito.

TE-DRUM

As 6 1/2 horas realison-se na Igreja Matriz um solemne «Te-Deum» em acção de graças a bonançosa viagem que S. Ex. fez até o nosso porto.

Assistiram a essa solemnidade os exmos. srs. Conselheiro Penna e Coronel Pereira Oliveira, altas autoridades e grande massa popular.

O BANQUETE

No Theatro Alvaro de Carvalho transformado em um mimoso jardim de flores, ornamentado artisticamente e fecricamente illuminado, realison-se o banquete que o exmo. sr. Coronel Pereira e Oliveira offereceu ao Conselheiro Penna e sua comitiva.

A's 8 1/2 tomaram assento na grande meza, em forma de U, todos os convidados.

A's 9 1/2 horas era servido o champagne, levantando-se então o sr. dr. Lebon Regis, que em brilhante discurso saudou, em nome do exmo. sr. Coronel Governador, ao exmo. sr. Conselheiro Penna. O orador foi, por diversas vezes, interrompido por palmas.

A gentil senhorita Julia Campos, recitou em seguida, de um dos camarotes um bello soneto do nosso intelligente confrade sr. Jayme Lessa.

Não sabiamos, naquella occasião, o que admirar se a belleza do soneto, se o encanto e a verve com que a gracil senhorita Julinha imprimio-lhe.

Uma salva de palmas prolongadas cobriram os ultimos versos.

Este soneto foi profusamente distribuido pelas gentis senhoritas Clarinda Oliveira e Edith Barbosa.

Em seguida levantou-se o exmo. sr. Conselheiro Penna que proferio uma bellissima peça de oratoria que sentimos a falta de espaço para darmos aos nossos leitores, a sua synthese.

O «Menu» foi optimo honrando ao Hotel Paschoal que se encarregou desse serviço.

N'O DIA

O nosso dedicado collega sr. dr. Thiago da Fonseca, redactor-chefe d'«O Dia», querendo prestar uma homenagem a visita dos illustres representantes da imprensa que acompanhavam o exmo sr. Conselheiro Affonso Penna, convidou-os para um «lunch» ás 2 horas da tarde na sala da redacção d'aquelle collega.

A essa hora, precisamente, compareceram os distinctos representantes da imprensa, que já encontraram o exmo. sr. coronel Pereira e Oliveira, digno Governador do Estado, que gentilmente quiz associar-se á essa festa; dr. Pereira Leite, secretario geral; alferes Euclides de Castro, ajudante de ordens do Governador; coronel Germano Wendhausen, superintendente municipal da capital; dr. Lebon Regis, presidente da S. Catharinense de Agricultura e deputado estadual; Joaquim Costa, official de gabinete do Governador, coronel Campos Lobo; Jayme Lessa, estudante de direito; Gentil Montenegro, da secretaria do interior, e dr. Geovani Rossi, director da estação agronomica.

Da imprensa do Rio e dos Estados compareceram os distinctos collegas: coronel Ernesto Senna, do «Jornal do Commercio»; Lindolpho Azevedo, do «Paiz»; Mario Soares, do «Correio da Manhã»; Alegria Junior, da «Gazeta»; Francisco Bandeira, do «Noticias» de Lisboa; Miguel de Barros, director do «Jornal» e representante da «Provincia do Pará»; Paulo Vidal, do «Jornal do Brazil»; dr. Alvaro Silveira, do Minas-Geraes; Abelardo Tavares, do «Capital» e Oswaldo Carijó, da «Renascença».

A imprensa catharinense estava representada pelos srs. Araujo Coutinho, da «Reforma»; Luiz Neves, d'«A Fé»; dr. Thiago da Fonseca, Martinho Callado, Demosthenes Veiga e Salvador Taranto, d'«O Dia»; Heitor Luz, correspondente aqui do «Jornal do Commercio», no Rio; os jovens Haroldo Callado e Altino Flores, pelo «Estudante», e Clementino Britto, pel'«O Ideal».

Em seguida deu-se principio ao «lunch», occupando á meza o lugar de honra o exmo. sr. Coronel Governador do Estado.

Ao «champagne» ergueo a sua ta-

ça o exmo. sr. Coronel Governador que brindou a Imprensa Brasileira.

Agradeceu esse biinde por si e pelos seus collegas o coronel Ernesto Senna, representante do «Jornal do Commercio» que brindou a prosperidade do Estado de Santa Catharina.

Em seguida pronunciou eloquente e entusiastico discurso o intelligente moço sr. Lindolpho Azevedo, d'«O Paiz».

Ainda fallou o confrade sr. Miguel de Barros do «Jornal e da «Provincia do Pará» que brindou o exmo. sr. Coronel Governador.

Após o brinde do sr. Miguel de Barros, o exmo. sr. Governador em um requinte de gentileza distribuiu a Polyanthêa, homenagem singela da imprensa local ao sr. dr. Affonso Penna. Essa Polyanthêa é collaborada por todos os redactores de jornaes desta capital.

Fallou então o nosso intelligente confrade sr. dr. Thiago da Fonseca, que agradeceu, em phrases eloquentes o comparecimento do exmo. sr. Coronel Governador do Estado e demais presentes brindando a felicidade de todos.

E assim terminou, no meio da maior harmonia essa confraternisação da imprensa brasileira.

O BAILE DO CLUB 12 DE AGOSTO

Este sympathico Club composto de moços da nossa melhor sociedade, realison em seus vastos salões na noite de 10 do corrente um baile dedicado aos representantes da imprensa da comitiva do exmo. sr. Conselheiro Penna.

A's 10 horas deu-se principio ao baile com uma quadrilha na qual formaram mais de 400 pares.

Terminada a quadrilha a gentil directoria do 12 reunio os seus convidados e offereceu-lhes uma lauta meza de doces e finas bebidas.

Ao champagne fallou o nosso joven e intelligente conterraneo sr. dr. João Pedro da Silva que, pelo Club 12 de Agosto, offerecia aquelle baile aos representantes da Imprensa. Agradecen o sr. dr. Gustavo de Mello representante d'«O Fulminense».

Fallou ainda o sr. F. Bandeira que brindou á gentileza dos moços catharinenses.

No salão tomou a palavra o intelligente moço sr. Lemos de Britto,

redactor d'A BAHIA que com uma eloquencia admiravel e com sua palavra sympathica saudou a mulher catharinense.

Uma salva de palavra se fez ouvir por todo o salão ás ultimas palavras do orador.

O salão do 12 estava elegantemente ornamentado tendo ao fundo uma allegoria á Imprensa.

O nosso representante veio captivo das gentilezas que lhe foram prodigalizadas pela directoria de 12.

BANQUETE A' BORDO

Deixamos de descrever a festa havida n'esse banquete por não termos sido para elle convidados.

ORNAMENTAÇÃO GERAL

A Praça 15 de Novembro e o Jardim Oliveira Bello estavam bellamente ornamentados.

A illuminação do jardim estava deslumbrante.

O Lloyd Brasileiro sobresahio-se com a sua illuminação a copinhos e ornamentação gárrida.

AGRADECIMENTOS

Ao exmo. coronel Governador do Estado, commissão central e Club 12 de Agosto, agradeceimos muito penhorados os convites que nos fizeram para essas festas.

SECÇÃO CHARADISTICA

(CONCURSO DE AGOSTO)

Charadas novissimas

No espaço, na variação e no corpo encontrareis a vela—1, 1, 1.

No caminho do Jordão encontrareis um viajante—1, 1. *Adnon* *Celia*

A' D. CELIA (em retribuição)
O prefixo é modelo por simples formalidade—1, 2.

Ao G. DE BRUXELLAS (em retribuição)
E' admiravel a contracção da Deusa da guerra—2, 1.

Ao GALBA (em retribuição)
A segunda embarca a mulher religiosa—1, 2. *Beata* *Neophyto*

A POMPEU DIAS
O suffixo do tolo é ter origem—1, 1. *Ottirb*

Ao OTTIRB (em retribuição)
A mulher—2—de Archimedes—1—fugio com este rei. *G. de Bruxellas*

Com um cruzado novo o homem pagou a passagem do rio Cahy—2, 3. *Adnon*

Um, dezeseis e quatro... produz alfazema—1, 1, 1. *Marajó*

Ao ALVARO SOUZA
A cidade das aves tinha toucado—2, 2.

O fructo, sr. director, é do chefe—1, 2. *Andiro*

(ELECTRICA)

Ao SR. G. DE BRUXELLAS
3—Insecto e mitra. *Jacy*

2—O rio atravessa a cidade do Maranhão. *Ventura*

(AUXILIAR)

Lilho—tela
Pa—jogo
Prohibição. *Celia*

(TELEPHONICA)

Dlin dlin dlin
Quem falla?—2
Cieto Barretto,
Que desejas?
Communico-te que,
no domingo,—1
o Dr. Arrelia vai fazer
contracto de casamento
com sua Ella. *G. de Bruxellas*

(ELEGANTE)

Encontrei o homem na freguezia—3.
O reptil tem ardil—2. *Marajó*

(CASTELL' VIDENSE)

Rita Rosa Bella Cidade. *Adnon*

Enigmas

Qual é o ribeiro do Brazil, de tres letras, que ás direitas ou ás avessas, é a mesma cousa? *Adnon*

Peixe as direitas,
Encontrarás;
Deusa ás avessas,
Divisarás. *Plutão*

Qual a cidade brazileira que é rocha?

Qual o cabo de Portugal que é instrumento? *Ottirb*

* Supprime-se a inicial de uma palavra formando com o resto a outra.

Tres consoantes,
Duas vogaes;
Primeira e quinta
São bem iguaes;

Segunda e quarta
Tambem o são;
No todo meu,
Peixe verão *Plutão*

22^a Quinta-feira
Sexta-feira

Conceito:—Homem. *Marajó*

Logogripho

(POR LETTRAS)

Ao amigo Pompeu T. Dias
(Em uma noite de luar)

O bisneto de Pompeu 3,4,5,5,6
Embarcou n'uma falúa 5,6,2
E levou sua mulher 1,2,3,4,6
P'ra gozar a luz da lua. 1,2,3,4,5,6
G. de Bruxellas

Decifrações

As de ultimo numero, são: Bravata, Colareja, Noemi, Manteiga, Kenia, Agado, Vagado, Guarajuba, Gallêa, Sahida, Pope, Gendiroba, Chronometro, Tinhare, Gingiva, Parecis, Odometro, Advogado, Bombasina, Eaco, Lucio, Junco, Araruama, Aiqui e Glasto.

Decifrarão:—Senhorita Celia, srs. Marajó, Adnon e Ottirb, 25; G. de Bruxellas, 22.

Resultado

(CONCURSO DE JULHO)

Obteve o primeiro logar a Senhorita Celia, a quem felicitamos.

Acha-se á sua disposição o respectivo premio.

Caixa

SR. VENTURA.—As suas charadas, *syncope* e *casal*, não serão publicadas. Leia a nota do ultimo numero e as observações do n. 3 deste jornal.

SR. VIXIGUS.—A charada—1-2—*Na musica, no rio e no mar*—é muito antiga e portanto não pôde passar, de forma alguma, por sua; demais não seremos nós capazes de afirmar a originalidade de qualquer outra *sua producção*, quanto mais desta.

Lembra-se da IVERRE?

Orn, não nos caceteie mais, por favor.

Notas

As producções para o seguinte numero devem ser entregues até quarta-feira proxima e as decifrações deste numero até sexta, á noite.

Continúa a disposição dos srs. charadistas o logogripho, cuja decifração é uma phrase latina, publicado no nosso n. 8. O autor offerece um romance ao primeiro decifrador. *Caloiro*